

Um longo amanhecer

por Santos Simões

Pedem-me vocês, amigos, que escreva sobre a Escola, a nossa Escola onde entrei em Outubro de 1957.

É evidente que não querem que descreva o espaço inóspito (adoçado pelos bonitos e eficazes fogões de ferro fundido) onde as aulas resultavam num difícil equilíbrio da palavra flutuando sobre uma mescla de linguajares, ora nítidos ora difusos, que se esgueiravam e pairavam sobre as salas.

Mas as escolas são os alunos e com eles e através deles o companheirismo com colegas e outros funcionários.

Nessa Escola, que habitei durante quatro anos, a maioria dos jovens frequentava-a por nítida discriminação económico-social, já que possibilitava a rápida saída para o mundo do trabalho. E, pese embora ser, então, já conhecido (há mais de uma década) que só aos catorze/quinze anos o jovem começa a estar preparado para fazer a sua opção profissional, o facto é que a já referida discriminação violentava duplamente os jovens, furtava-lhes as possibilidades de ascender aos cursos médios e superiores em igualdade com os seus colegas dos liceus e obrigava-os a precocemente (onze/doze anos) escolher um curso profissionalizante.

Mas não se julgue que pelos factos limitativos apontados, a Escola era povoada por jovens talhados, à partida, para o insucesso escolar ou desinteressados culturalmente.

A curta experiência que vivi entre 1957 e 1961, principalmente a partir de Janeiro de 1959, foi a prova insofismável de como nos temos dado ao luxo de cercear oportunidades a tantos e tantos jovens cujo único pecado que cometeram foi nascer pobres em Portugal.

A pedido do meu querido e sempre lembrado amigo António da Azevedo, diretor da Escola à data da minha chegada, trabalhei na organização da biblioteca, tarefa que havia de continuar a exercer quando a Escola se expandiu o remoçou nos actuais edifícios.

Com as novas instalações criaram-se condições para uma indispensável atividade cultural, componente indissociável da instrução, se queremos, de facto, que a Escola seja um espaço de educação.

Já nessa altura me encontrava envolvido no movimento associativo vimaranense, por indiscrição desse velho companheiro, amigo, artista plástico e artista da palavra que dá pelo nome de José Craveiro. Daí que não pude negar a minha colaboração ao também meu amigo dr. Daniel de Sá, o novo diretor, e assim nasceram com carácter frequente os jograis, veiculando os poetas clássicos de forma viva e também os modernos que as selectas excomungavam, o teatro e o cinema.

Sempre defendi as atividades culturais na escola, mas num contexto integrado e de pura satisfação para quem as realiza e as desfruta. Havia, então, espaços livres, havia tempo e principalmente motivação. Hoje, quem manda, ainda não se deu conta das enormes mutações sofridas pela sociedade nem das solicitações marginais que actuam sobre os alunos (e não só). Nos curricula existe a educação física (e muito bem) mas os mesmos não incluem a atividade cultural, partindo-se do pressuposto que a instrução, por si só, a inclui.

E o grave é que a saturação de espaços nas Escolas não permite sequer que os próprios interessados possam organizar atividades culturais com os alunos. E mais grave ainda é o enciclopedismo com que se esmaga os jovens e que, salvo raras exceções, é aceite como ritual, não despertando neles o espírito crítico e criativo.

Tive o privilégio de observar os alunos da minha Escola em dois tempos diferentes: de 1957 a 1961 e de 1974 até hoje. É óbvio que se trata de dois períodos bem diferentes (e não só temporalmente) sendo o segundo marcado por uma preocupação evidente de neutralização da seleção social que existia no primeiro.

Mas o que tem sido mais significativo para mim é o que ao longo da vida aprendi com os alunos, embora eles possam porventura julgar que não exercem qualquer influência sobre os professores. Embora não tenha que me penitenciar por injustiças deliberadas ou por comportamentos hostis para com os milhares de alunos com que convivi e embora mantenha uma mesma preocupação de exigência no aproveitamento escolar, o facto é

que não me revejo, hoje, no professor que começou a sua carreira há 37 anos e que trabalha no ensino há 45 anos!

E se a preocupação de mudança é devida à minha própria reflexão sobre o binómio ensino-aprendizagem e às transformações sociopolíticas, não é menos verdade que grande parte do meu aperfeiçoamento a devo aos alunos.

E não esqueço, nem nunca esquecerei, que quando sofri o arbitrário o violento afastamento da minha Escola e que se havia de prolongar do 1961 até 1974, não foi dos colegas que recebi a mais forte manifestação de solidariedade, mas de centenas de alunos da minha Escola que pediram ao governo o meu regresso.

Revejo sempre e sempre reverei nos jovens — ano após ano — o espantoso segredo da espontaneidade, da solidariedade e da esperança que caracteriza a juventude enquanto tal.

Como lhe agradeço o ter vivido num longo e sempre renovado amanhecer!

[Transcrição de documento datilografado de 1988]